

Memória curta

01-Mar-2010

Opinião

Texto de Eduardo Marques

À

Às vezes a memória falha, outras, é curta demais.

Observando o actual paradigma da política nacional, mas, se não quisermos ir tão longe, observando o paradigma das nossas vidas, do nosso dia-a-dia confrontamo-nos com uma série de situações e personagens que nos permitem pensar sobre o que realmente valorizamos, o que permanece intacto na memória e o que se esquece. A memória é selectiva. Os acontecimentos mais traumáticos ou incómodos tendem a ser esquecidos.

Talvez por isso podemos ver uma Manuela Ferreira Leite no comando de um navio quase a naufragar e uma série de naufrágios e heróis já assumidos. Uma Manuela Ferreira Leite que tem como principais inimigas instituições e correntes do próprio partido. Enfim, depois de uma campanha mágica, a ex-ministra da educação e ex-ministra das finanças, fez frente a uma maioria absoluta, numa batalha que não tinha possibilidades de ganhar: não pelo facto do congelamento dos salários na função pública estar muito presente, não pela má imagem que deixou durante os seus mandatos como ministra, mas sim porque o barco partidário já estava a afundar. Um facto que não pode reivindicar que foi por si que a maioria absoluta PS caiu. Na oposição do primeiro mandato de José Sócrates, o PSD viu-se forçado a rever as suas políticas, para divergir, pois políticas iguais não fazem oposição. Esqueceram-se os TGVs e os Códigos de Trabalho. A memória falhou, mas neste caso, não teve estragos de maior, comparando com o que podia ter acontecido, novamente nas mãos da âncora de ferro da social-democrata.

Em 2005, José Sócrates sobe ao poder. Aclamado. Desejado. Toda a gente sai à rua para comemorar o socialismo. Toda a gente diz com orgulho: "Eu votei e contribuí para esta maioria absoluta."

Em 2009, Sócrates é reeleito, sem maioria absoluta. Os poucos que saem à rua têm motivos para comemorar tudo menos o outrora aclamado socialismo. Ninguém diz, com orgulho, ter contribuído para esta vitória. E os que retiraram a maioria ao PS? Declaram-se defraudados. Arrependem-se de, na sua primeira legislatura, terem formado uma maioria absoluta, e com ela terem trazido mais precariedade, mais desigualdade, mais hipocrisia, menos socialismo. Congratulo-os, por hoje, podermos ter na Assembleia da República menos tirania. A memória funcionou. Contudo, o governo de Sócrates, a injustiça e a demagogia saíram novamente vencedores. A memória não foi tão infalível quanto se desejaria!

Este parágrafo estava destinado a falar de temas como o bloqueio da ponte, Cavaco Silva enquanto primeiro-ministro e, nos dias de hoje, enquanto Presidente da República, mas, a democracia é soberana e é escusado qualquer tipo de comentário a um dos símbolos da nossa República, que tanto custou a instaurar.

Hoje, temos candidatos à liderança de partidos que há meses juravam não estar disponíveis para eleições internas e amigos de ocasião que se

juntam para encomendar pizzas e aprovar orçamentos de estado. E os precários? E o dia-a-dia de milhares de pessoas que ficaram sem os seus empregos porque num sistema capitalista representam meros números? E a liberdade de expressão? Há quem tenha memória curta para reeleger quem enfraquece o poder de compra dos portugueses, quem os deixa desprotegidos; Há quem tenha memória curta para renegar o socialismo e para banir o 25 de Abril de 1974 do calendário.

Mas também há quem tenha memória fresquinha para recordar que o BE é um partido relativamente recente. E para todos esses relembramos que o Bloco de Esquerda, hoje, com os seus dez anos, é um movimento de cidadãos que faz história agora, um partido que se bate por um dia-a-dia melhor para todos, uma força que apela às liberdades, direitos e garantias de todos, porque todos podemos fazer algo, porque todos podemos fazer parte da construção de um país melhor, mais justo, transparente e solidário. Contra o cinzentismo dos dias; contra os pensamentos conspurcados de uma política suja e crua que não pensa nos reais problemas das pessoas. Contra o capitalismo, que, sim, falha, e nenhuma prova é mais eficaz senão a actual conjuntura económica mundial e a crise que está instalada e que está na boca dos portugueses, nos seus dois sentidos: porque falam dela e porque há, efectivamente mais fome, mais desigualdade e mais carências.

Defendemos o socialismo, sim. O verdadeiro socialismo, e chamam-nos idealistas: pois bem, nunca veremos uma sociedade assente no niilismo, ou seja, sem ideais e vontade de fazer mais e melhor, quebrando barreiras e construindo pontes, não é possível construirmos uma democracia verdadeiramente melhor; porque estar, sem ideais, perante um país, é não ter visão, soluções ou metas: é comprometer todo um futuro.

Por tudo isto que devemos ter consciência hoje do que podemos representar todos juntos; de que a alternativa às sucessivas mordidas com que nos tentam calar é a não conformação, e, ao mesmo tempo, a construção de um futuro melhor para todos, com propostas e objectivos concretos. Por tudo isto que desde que o Bloco surgiu, podemos respirar um pouco mais de alívio com pequenas-grandes vitórias que em muito contribuem hoje para um dia-a-dia melhor de todos. Por isso que podemos fazer história agora. Por isso que existimos. Porque temos memória dos sucessivos governos que nos conduziram ao abismo que podemos ver hoje. Por isso que o Bloco de Esquerda luta: para que a memória não seja traiçoeira, e para que possamos construir um futuro com boas memórias. Por isso do interesse de todos. Somos um partido diferente porque acima de questões meramente políticas consideramos que se levantam os interesses de cada cidadão, de cada um de nós.

Um brinde, às memórias que temos e às que estão para vir.

Eduardo Marques